

AS FANFICS E A NOVA FACE DA AUTORIA LITERÁRIA NO CIBERESPAÇO

THE FANFICS AND THE NEW FACE OF LITERARY AUTHORSHIP IN CYBERSPACE

Anderson Guerreiro¹
Mestre em Letras e Artes
Universidade Federal Fluminense
(agds.anderson@gmail.com)

RESUMO: A partir do advento das novas tecnologias e da era digital, é perceptível que o conceito de autoria e o comportamento do autor não se igualam aos até pouco tempo praticados. No ambiente digital, a fanfic é um dos principais gêneros que permite que a autoria praticada neste âmbito adquira tais características e comportamentos. Deste modo, o objetivo deste trabalho é observar e descrever a nova face assumida pela autoria praticada no ciberespaço, por meio do comportamento dos escritores de fanfics (os fanfiqueros ou ficwriters). É observado, através da pesquisa, que um novo tipo de autoria surge nesses ambientes cibernéticos, uma autoria considerada mais livre, flexível, versátil e coletiva, bastante diferente daquela praticada nos séculos anteriores.

Palavras-chave: Era digital. Autoria. Ciberespaço. Fanfic.

ABSTRACT: From the advent of the new technologies and the digital age, it can be seen that the concept of authorship and the behavior of the author do not coincide with those practiced until recently. In the digital environment, fanfic is one of the main genres that allows the authorship practiced within the scope of cyberspace to acquire such characteristics and behaviors. In this way, the objective of this work is to observe and describe the new face assumed by the authorship practiced in cyberspace, through the behavior of the writers of fanfics (fanfiqueros or ficwriters). It is observed, through the research, that a new type of authorship appears in these cybernetic environments, a authorship considered more free, flexible, versatile and collective, quite different from the one practiced in previous centuries.

Keywords: Digital age. Authorship. Cyberspace. Fanfic.

Considerações iniciais

A autoria é uma atividade cambiante, ela muda de tempo em tempo, de região para região e de uma cultura para outra. Se observarmos numa perspectiva histórica-sociológica, encontramos, na Idade Média, um tipo de autoria totalmente despreocupada com a figura de quem produzia tais textos, além da não identificação de seus nomes nos discursos literários; já no período do Renascimento na Europa, há uma alteração no campo da autoria, os autores passaram a ser espionados por

¹ Doutorando em Estudos da Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Este artigo é resultado parcial de pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Letras e Artes na Universidade do Estado do Amazonas e recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

autoridade políticas e religiosas, seus nomes tornaram a ser obrigatórios em seus textos e iniciou-se um forte sistema de censura em toda região.

Com a prensa de tipo móvel desenvolvida por Gutemberg, a autoria literária deu um amplo salto referente à publicação de livros, com isso, os autores passaram a ser mais reconhecidos e a necessidade de regras e leis para garantir seus direitos pouco a pouco foi sendo necessária. Na Idade Moderna, aos poucos, cada país foi ganhando suas primeiras leis que protegem juridicamente os autores, para citar, o Estatuto da Rainha Ana, na Inglaterra, em 1709, e o Decreto do Conselho, na França, em 1779.

Logo após esse período, numa relação nada agradável com os editores-livreiros, os autores com grande esforço adquiriam mais poderes e direitos a seu favor, como o total domínio da propriedade intelectual. Nos séculos XIX e XX, a partir das diversas conversões, como a de Berna e a Universal, os autores passaram novamente por alterações, tornando-se hoje uma figura imperialista contando com uma grande indústria editorial que promoverá suas pessoas e suas obras, com o intuito, sobretudo, de lucros. Essa autoria contemporânea é especialmente praticada na literatura impressa e denominada de autoria tradicional.

Cada prática da autoria ao longo do tempo obviamente aparece remodelada proporcionalmente à sociedade que lhe é contemporânea, uma vez que, como colocado por Eduardo Portanova (2010, p. 152), “o pensamento da autoria deve ser contemporâneo à própria ideia que dela se tem”. Neste trabalho, buscamos entender as novas faces adquiridas pela autoria em tempos de versatilidade, velocidade, tecnologia e coletividade.

O fenômeno fanfiction e a nova face da autoria contemporânea no ciberespaço

No âmbito do ciberespaço e, conseqüentemente, da cibercultura, há milhares de jovens que, interagindo-se, constituem, por meio das fanfictions, uma imensa rede de escrita colaborativa entre fãs de produtos midiáticos como livros, filmes, séries e desenhos animados, reconfigurando antigos conceitos de autoria e pondo em cheque um novo perfil de autor presente na era digital contemporânea. Assim sendo, o gênero digital fanfic será usado para ilustrar essa nova face na figura da autoria literária na web, nos últimos anos.

Para termos uma compreensão mais ampla do universo das fanfictions e como esse fenômeno, presente na cibercultura participativa, tem modificado as práticas da autoria literária, alterando o conceito de que é ser um autor e apresentando-lhe uma nova roupagem, faz-se necessário explorar o fenômeno fanfiction na web, entender como se deu sua introdução nesse universo, conhecer os sites de publicação dessas narrativas, suas características e como elas operam no ambiente cibernético.

Peculiaridades das fanfictions na cibercultura

Em 2012, quando tinha 15 anos, Matheus Lira² leu um livro que, de acordo com ele, modificou totalmente sua vida: **Harry Potter e a Pedra Filosofal**, foi a partir daí que o rapaz teve uma visão mais vasta sobre o mundo de magia e bruxaria desvelado no livro, adquiriu um modo de leitura mais metódico e tornou-se um adepto de literatura do estilo *Hogwarts*.

Em menos de dois anos, com o pouco dinheiro que conseguia, adquiriu todas as demais obras da saga Harry Potter disponível no mercado e, ao final da leitura de cada obra, Matheus se atraía mais ainda com o mundo fictício das narrativas. Não satisfeito de ser apenas um leitor passivo, teve interesse em discutir sobre suas ideias e fantasias oriundas da leitura e, dessa forma, frequentemente comentava suas leituras com seus poucos amigos. A maioria, no entanto, nunca tinha chegado a ler de fato as obras. A partir do desencanto de seus amigos com aquele universo, Lira decidiu pesquisar mais sobre as obras em sua casa, por meio da internet. No ciberespaço, encontrou diversos chats, debates, fóruns e até conferências online que discutiam o mundo de Harry Potter com diversos internautas, em diversas línguas e lugares do planeta. O jovem leitor ficou encantado com esse mundo que, para ele,

² A participação do informante Matheus Lira na pesquisa decorreu após um encontro que tivemos com um grupo de fanfiqueros de Manaus. A partir de uma apresentação dos resultados parciais da pesquisa, conhecemos uma das integrantes desse grupo que permitiu nossa participação numa de suas reuniões. O grupo é denominado FanficArt e os integrantes produzem fanfics, de forma coletiva e individual, sobre diversas obras, desde aquelas mais atuais, como *Harry Potter*, àquelas da literatura clássica e brasileira, como **Romeu e Julieta** e **Dom Casmurro** e publicam no site *Spirit Fanfic e Histórias* e no *Twitter* quando é composta de apenas um capítulo pequeno. Matheus Lira, apesar de ainda participar do grupo, não costuma escrever tanto quanto antes, no entanto foi o integrante que tivemos uma relação mais aberta e interativa. Depois da primeira conversa, e depois de ter aceito participar da pesquisa, marcamos dois encontros, os quais aconteceram de forma bastante informal, gravados via smartphone, e que sucederam às falas e às informações de Matheus no trabalho. As conversas com ele nos fizeram ter um novo olhar sobre essa prática literária na internet e, dessa forma, alterou a forma como abordaríamos o assunto.

ainda era desconhecido. Entre 2013 e 2014, chegou a liderar algumas ideias mais discutidas em alguns dos sites de debates e fóruns sobre suas obras preferidas, no entanto, ainda carecia de algo que não sabia exatamente explicar para se sentir pleno nesse universo. Foi aí que, no final de 2014, descobriu o mundo das fanfictions, por sugestão de uma amiga virtual que já era escritora nesse gênero.

Em relação a essa descoberta, Lira lembra: “Quando eu li as primeiras fanfictions de Harry Potter eu fiquei tipo ‘nossa, como eu não sabia desse universo fantástico que é escrever na internet histórias que você é aficionado?’, quer dizer, além de você poder transformar em história tudo aquilo que você tem de ideia guardado para você, você também compartilha e mostra para o mundo a sua criação e também interage com fãs sobre aquilo que eles gostam”³. Dessa forma, a fanfiction surgiu no cotidiano de Matheus como uma solução de seus anseios, uma vez que, embora participando de fóruns e debates, não eram totalmente saciados.

Matheus Lira começou a escrever no primeiro site que conheceu, porém, meses depois, migrou para outro que, segundo ele, tinha um maior público e ganhava mais visualizações. Ele começou a escrever somente sobre Harry Potter; assim conta: “Logo no início, assim, eu escrevia de quatro a seis histórias ao mesmo tempo, todas de Harry Potter, mas com temas diferentes, claro. Eu escrevia cerca de quatro capítulos por dia, um para cada história, mas meus capítulos eram pequenos, para poder dar conta, eu jogava na internet e recebia centenas de feedback, a maioria era de incentivo a minha escrita, que eu escrevia muito bem, que minhas histórias eram empolgantes e muitos fãs ficavam acompanhando as minhas fics. Depois disso, eu passei a ajudar outras pessoas nos capítulos de fanfictions, também sobre Harry Potter, com algumas eu tive dificuldade, porque quando são duas, quatro pessoas já é difícil, mas a maioria dos fanfiqueros que eu escrevia eu me dava bem e saía uma coisa bem bacana”.

Usamos aqui a história de Matheus para ilustrar uma situação bastante comum a diversos jovens que não aceitam ser meros receptores de conteúdos disponibilizados pelas mídias, pelos livros e pelos meios eletrônicos. Eles encontram nos diversos sites de fanfics um instrumento para desenvolver suas habilidades de

³ As falas de Matheus foram extraídas de conversas espontâneas gravadas, tidas durante os primeiros encontros. Buscamos reproduzi-las fielmente à sua fala, salvo pequenas modificações às comuns marcas de oralidade que não se ajustavam à escrita padrão que seguimos.

escrita em rede, por meio de narrativas das quais são entusiastas. “Essas histórias são frutos de amor; elas operam numa economia de doação e são oferecidas gratuitamente a outros fãs que compartilham das mesmas paixões pelos personagens (JENKINS, 2009, p. 242).

Entendemos fanfictions como, além de um gênero essencialmente novo, uma prática literária que tem ganhado espaço entre os jovens fãs por unir o desejo de escrever e a necessidade de expor seus pensamentos sobre sua obra, série ou livro favorito. Historicamente, elas têm origem em meados da década de 1960 e os fãs do seriado estadunidense **Jornada nas Estrelas** (*Star Trek*, 1966) foram os primeiros a se organizar para, baseados nos personagens, enredo e cenário da série, criar outras narrativas (JENKINS, 2009). Maria Lucia Vargas (2005), em sua pesquisa acerca do mundo das fanfics, afirma que em 1967 surgiram as primeiras fanfictions, todas baseadas no universo de *Star Trek*. Essas narrativas eram publicadas em jornais artesanais feitos pelos próprios fãs, esses periódicos, com o tempo, ficaram conhecidos como **fanzines**, junção de fã e magazine.

As fanzines eram “revistas de fãs”, muitas vezes amadoras, feitas por eles próprios, nelas eram desenvolvidos inúmeros gêneros, todos produzidos por fãs de uma determinada obra, não somente textos, como também ilustrações, como as charges e, sobretudo, HQs. As primeiras fanzines surgiram desde o início do século XX, no entanto, só ganharam forças entre as décadas de 1960 e 1970, nesse período, Neves (2014) relata que houve uma explosão de revistas feitas por fãs, sobretudo, de seriado e filmes. A partir daí, essas revistas se tornaram populares e se expandiram entre os fãs, muitas delas eram distribuídas de forma gratuita, outras cobravam um preço simbólico para a impressão, o papel e outros custos.

Com a popularização da internet no início da década de 1990, essas práticas de escrita entre fãs descobriram um terreno fértil: o ciberespaço. As fanzines continuaram a ser produzidas, agora de modo digital, o que facilitava o custo e a compartilhamento delas entre os fãs. Foi a partir da expansão das *fanzines* que surgiram as fanfictions, na verdade as narrativas deixavam de ser produzidas pelas revistas, que davam mais destaque às ilustrações, e passavam a ser produzidas em outros meios, as plataformas digitais. Assim, observamos que o advento da era digital deu novas formas às *fanzines*. Desse modo, destacamos que os *fandoms* e as

fanazines constituem os primeiros exemplos de “cultura de fãs”, na qual observa-se que o fã não somente recebe o conteúdo, como também cria outros a partir deste.

Após o advento das fanfictions pela internet, inúmeros sites surgiram dedicando-se a receber e publicar esse tipo de textos. Eles servem, na verdade, como uma ferramenta entre os fãs, tanto para a publicação de fanfics quanto para a leitura daquelas que advêm de suas obras preferidas. Para ilustrar tal fenômeno, aderimos a dois desses sites para nossas análises, sendo eles: **Spirit Fanfics e histórias**⁴ e **Fanfic Obsession**⁵.

O primeiro site é uma plataforma que disponibiliza aos fãs a publicação de suas fanfics e histórias originais em formato de livros produzidos por eles próprios ou com ajudas dos demais fãs, o que o site denomina de autopublicação. Na página dedicada aos fãs e visitantes, assim expõe:

Você mesmo publica sua história rapidamente sem precisar de uma editora, em um processo simples e rápido. No Spirit você não precisa ter concluído a história antes de publicá-la, pois, pode ir postando os capítulos de pouco e pouco e, assim, pode receber o feedback de cada um deles, conseguindo, desta forma, saber o que está dando ou não certo, conhecendo seu público alvo e com isto, melhorando sua história (SPIRIT, 2017. Online).

O site ainda expõe seus números. De acordo com ele, em março de 2017, contava com 1.761.630 usuários cadastrados, 3.305.925 capítulos produzidos e 507.993 histórias publicadas, com uma média de 1.500 histórias e 8.500 capítulos publicados diariamente. Dessa forma, o site alcança um amplo público nacional de língua portuguesa, como Portugal e Angola, por exemplo. Em relação ao Brasil, seu público maior vem, sobretudo, da região Sudeste e Sul. Acompanhando as novas tecnologias, o site também conta com um aplicativo móvel, por meio do qual também podem ser acessados os principais serviços da página na web, além de publicar e ler as histórias.

O segundo site surgiu desde 2009 como um espaço para que os fãs pudessem escrever e compartilhar suas histórias e como uma proposta de incentivo à escrita e à leitura entre os jovens, reconhecendo a importância dessas práticas. Assim, segundo o site:

⁴ Disponível no endereço: <<https://spiritfanfics.com/>>

⁵ Disponível no endereço: <<http://fanficobsession.com.br/>>

O Fanfic Obsession utiliza-se de diversos programas para dar eficácia ao seu objetivo: uma política de reconhecimento das melhores histórias e autores, mensal e anualmente; a participação deliberativa, através de entrevistas e debates; o fomento à produção textual, partindo de ideias predeterminadas, através dos especiais e dos desafios; por fim, o estímulo ao pensamento crítico, com as seções de indicações das diversas fanfictions que se encontram no site (FANFIC OBSESSION, 2017, online).

O site conta com um design e layouts bem desenvolvidos e estruturados, tem uma média de 44.222.958 visualizações, o que o torna um site bastante popular em se tratando de publicações de fanfics e, sobretudo, entre os fãs de mangás e animes japoneses.

Os diversos tipos de Fanfics e seus praticantes

Deste universo das fanfics, salientamos os principais e mais comuns tipos delas e algumas de suas características:

a. *Doujinshi*: trata-se de narrativas inspiradas em animes e mangás, sobretudo japonesas. Trata-se também de ilustrações feitas a partir dessas obras, semelhante a uma *fanzine* de mangás e animes. As histórias baseadas no anime Naruto são as mais frequentes desse grupo de fanfictions.

b. U. A. (Universo Alternativo): narrativas que usam os personagens da uma obra/série/livro, com as mesmas características psicológicas e físicas, no entanto a história é explorada em outros ambientes diferentes daqueles usados pelo autor das obras originais.

c. *Crossover*: esse tipo de fanfic costuma misturar diversos personagens de obras diferentes em uma única narrativa, assim, podem-se juntar personagens da série Naruto como as de Crepúsculo e/ou Harry Potter, por exemplo.

d. *One-sho Fanfic*: fanfic de apenas um capítulo. Constituem aí as narrativas semelhantes aos contos e aos minicontos. Eles podem ser postados de uma vez ou em partes, se forem longas.

e. *Revenge Fic*: tem o significado “fic de vingança”, isto é, quando o fã se sente insatisfeito com algum aspecto da obra, seja o enredo, o cenário, os personagens. Dessa forma, ele cria outras narrativas explorando e dando outra roupagem a esses aspectos. O mais comum nesse tipo de fanfic é o final totalmente divergente das obras originais.

f. *Hentai*: esse tipo de fanfic aborda cenas de sexo (explicitamente). Todo conteúdo que é erotizado se encaixa nesse tipo. O Hentai também pode se juntar a outros tipos de fanfictions. Por exemplo, pode-se narrar uma cena de sexo entre dois personagens de obras diferentes, o *crossover*.

Outro destaque importante nos sites que oferecem a publicação de fanfictions é a existência dos seguintes usuários: *capista*, *beta reader* e do *help*. Os *capistas* são usuários que se dedicam a criar capas de fanfics para outros usuários, capas são as ilustrações que acompanham, geralmente no início, a fanfic. Não é elemento obrigatório para a publicação das fanfics uma capa ou que esta seja feita por um *capista*, mas como os sites dispõem desse serviço, diversos ficwriters⁶ solicitam ajuda na criação de suas capas. Cada site oferece processos para a seleção de *capistas* que devem ser usuários com conhecimento em edição e produção de imagens.

Os *betas reader* são outros tipos específicos de usuários, estes dedicam-se a revisar as fanfics de outros usuários, as quais serão publicadas, esta revisão inclui alteração de palavras e frases que contenham desvios ortográficos, advertências e sugestões daquilo que pode ser melhorado gramaticalmente e auxílio nessas mudanças juntamente com o ficwrite. Para ser um *beta reader*, o usuário deve ter um domínio das regras gramaticais e ortográficas; frequentemente os sites abrem seleções para escolher esses usuários. Outro destaque nesse sentido é que a maioria dos sites de fanfics disponibilizam uma área em que são postados diversos conteúdos gramaticais, como aulas de português e tutoriais de dúvidas.

Abaixo, verificamos a listagem de alguns *betas read* disponíveis para os usuários do site **Fanfic Obsession**. Além da identificação, é comum também aparecer os tipos de fanfics que o beta (ou seja, revisor) revisa, identificado por um número, a preferência e o estilo da fanfic e o tempo que demora para realizar o serviço (Figura 3).

⁶ Mesmo que fanfiqueros, ou seja, os escritores de fanfictions.

... DISPONÍVEIS

betas disponíveis para pegar novas fictions

Nome: Adriele Cavalcante
Fics que beta: 23
Tempo de betagem: 3 semanas.
Status: Disponível.
Preferência: Exceto K-POP, Justin Bieber e bandas nacionais.
Página de controle: [Google Docs](#)
Clique aqui para ver a página da beta!

Nome: Barbara Oliveira
Fics que beta: 21
Tempo de betagem: Até 15 dias.
Status: Disponível.
Preferência: Exceto shortfics e slashes/femmeslashs. Apenas fics com script/html.
Página de controle: [Tumblr](#)
Clique aqui para ver a página da beta!

Nome: Caah Jones
Fics que beta: 2
Tempo de betagem: 1 mês
Status: Disponível
Preferência: Fics com Script
Página de controle: [Tumblr](#)
Clique aqui para ver a página da beta!

Nome: Julia Almeida
Fics que beta: 12
Tempo de betagem: 3 semanas.
Status: Disponível.
Preferência: Sem preferências.
Página de controle: [Google Docs](#)
Clique aqui para ver a página da beta!

Figura 1: Lista de *betas reader* disponíveis aos fanfiqueros do site Fanfic Obsession
 Fonte: <http://fanficobsession.com.br/classificados-de-betas/>

Por fim, os *helpers* são aqueles que ajudam outros usuários quando estes possuem dúvidas acerca da história, quando ficam desorientados em relação aos seus personagens, cenários e, sobretudo, seu enredo. Muitos ficwriters, especialmente os novatos, têm dificuldades, em um certo momento, na continuação de suas narrativas, como consequência sobram dúvidas sobre qual caminho seguir, quais personagens destacar, é nesse momento que os *helpers* auxiliam os autores no norteamento da escrita de suas fanfics. Obviamente, os *helpers* têm os temas delimitados os quais oferecem auxílio, por exemplo, um usuário que escreve e é fã de Naruto e outros tipos de mangás, poderá ajudar fanfictions oriundas dessas obras.

Todas essas funções podem ser preenchidas por qualquer usuário dos sites, desde que se disponibilize e que tenha os requisitos necessários, assim como também qualquer ficwrite pode solicitar um desses três serviços sem qualquer custo, uma vez

que todos são realizados de forma gratuita com o objetivo de interagir e colaborar com as demais fanfics dos sites.

A colaboração de escrita em rede no contexto da cibercultura

Esses tipos de ajuda mencionados acima e muitas vezes mútua entre os fanfiqueiros é um comportamento que alude exatamente às “práticas colaborativas de escrita em rede”. Esse termo, muito usual entre as pesquisas neste campo, “tem ganhado cada vez mais força, pois, ao mesmo tempo em que o processo de mudanças globais aumenta a necessidade de desenvolver atividades colaborativas, a internet, com todos seus recursos tecnológicos, possibilita esse trabalho colaborativo” (PINHEIRO, 2013, p. 16). Nesse sentido, o autor ainda destaca as praticidades advindas com a implementação da web 2.0, que trouxe uma praticidade maior ao processo de atividades colaborativas e conseqüentemente de multiautoria e de escrita colaborativa nunca antes vivenciada.

O termo web 2.0, usado para designar uma segunda geração de comunidade e serviços da *web*, na verdade, é um conceito que surgiu com o objetivo de mudar a forma como a internet é entendida pelos desenvolvedores de informações e pelos usuários, a ideia é transformar o ciberespaço em um ambiente totalmente interativo e colaborativo, com participações que envolvam diversos usuários, em diversos lugares e linguagens nas construções dos próprios conteúdos da internet. Essa ideia ampliada no ciberespaço fez com que muitos sites abandonassem suas plataformas rígidas e com aspectos sem vida, passando a elaborar ambientes mais interativos, onde todos pudessem contribuir com sugestões, ideias, conteúdos a fim de tornar a internet uma rede mundial de colaborações.

Para Petrilson Pinheiro (2013), nessa segunda geração da web, os cibernautas não somente fazem buscas e pesquisas, como também produzem e divulgam nesse espaço informações e conteúdos que ficam ao alcance de outros cibernautas. Dessa forma, o usuário não precisa, portanto, de permissões nem tampouco de conhecimentos avançados para publicar conteúdos, tudo pode ser postado, seja nas plataformas, nos blogs, nas redes sociais, os cibernautas têm uma gama de ferramentas para difundir suas ideias e conteúdos. Como consequência, “o conhecimento torna-se mais democraticamente construído, a noção de verdade não é mais imposta por essa ou aquela instituição e/ou especialistas como forma de

mediação, mas através de fluxo, sobre a confirmação participativa de vários sujeitos” (NEVES, 2014, p. 67).

Observando o fenômeno a partir do hipertexto e do leitor, Antônio Carlos Xavier (2004, p. 177) afirma que a internet contribui para a “dessacralização do autor”, ou seja, aquelas antigas ideias relativas à autoria, abordadas no primeiro capítulo, são desfeitas com o advento da escrita eletrônica, a partir dela surgiram novos conceitos para designar essa figura e, conseqüentemente, a prática autoral, sobretudo, porque qualquer usuário pode publicar e compartilhar suas ideias, sem a rigidez que os ambientes editoriais impõem, por exemplo.

Nesse sentido, voltemos ao conceito de Lévy sobre inteligência coletiva. Para ele, e como já afirmado, “a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas e hipostasiadas” (LÉVY, 2003, p. 28-29). Esse fenômeno descrito trata-se, portanto, desse cotidiano de interatividade e colaborações mútuas vivido no ciberespaço e propiciado a partir da web 2.0, constituindo assim um dos aspectos mais preponderantes da cibercultura.

A partir da inteligência coletiva, a web se torna um lugar de relações sociais onde cada usuário age, opera suas atividades diárias e publica informações sempre interagindo com os outros.

Outros conceitos importantes a serem colocados e retomados são os de cultura participativa e cultura de convergência, ambos delineados por Henry Jenkins (2009). Na cultura participativa, questiona-se sobre a passividade dos expectadores de quaisquer mídias, sobretudo da web, ao invés de apenas receber tais conteúdos, eles podem transmitir informações da mesma forma, participar na construção de dados, informações e outros materiais no ciberespaço e isso só foi possível graças ao advento da web 2.0.

A enciclopédia Wikipédia⁷ é um grande exemplo dessa colaboração entre os usuários da web na criação de conteúdos, todos os verbetes são criados a partir de algum usuário, tal verbete a partir de sua criação pode ser melhorado ou acrescentadas informações por outros usuários. A Wikipédia chama atenção “pelos novos movimentos de autoria que ocorrem fora dos centros de poder dedicados à

⁷ Disponível no site: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

construção coletiva de saberes e que se tornam fonte de aprendizado para os estudiosos da **cooperação/colaboração** a partir de ambientes digitais” (ROSADO, 2008, p. 3-4, grifos do autor). Outro exemplo dessa colaboração é a parte em que diversos sites dedicam aos comentários dos leitores, além dos dispositivos de correio eletrônico e das conversas instantâneas.

A nova face da autoria literária no âmbito da fanfiction

A ocorrência da intensa prática de colaboração de escritas em rede, fundamentada nos conceitos de inteligência coletiva (LÉVY, 2003) e de cultura participativa (JENKINS, 2009), é observável através das diversas práticas na qual atuam mais de um sujeito na construção de um texto presente no ciberespaço. Em paralelo a isso, essa junção entre as funções do produtor de texto na web, ancorada na cultura de convergência (JENKINS, 2009), é nítida na versatilidade dos fanfiqueiros e demais cibernautas em relação aos textos.

Logo, é plausível afirmar que essa interação e colaboração entre os autores de fanfics, bem como esses novos papéis desempenhados por eles constituem novas práticas autorais no ciberespaço e dão alicerce a uma nova face à autoria: uma autoria mais flexível, versátil e coletiva.

Essa autoria colaborativa nas fanfics se traduz de duas formas: a primeira, e a mais comum, ocorre por meio dos comentários e *feedbacks* de usuários quando é postado um capítulo (a maioria publica em forma de capítulos) ou ela completa. Quando uma fanfic é postada, dependendo do usuário, do tema e de pessoas interessadas nela, uma gama de comentários surge, como forma de críticas, sugestões e elogios. Esses comentários, de uma certa forma, encorajam e dão um ânimo para que o fanfiqueiro continue sua história e, depois da conclusão dela, crie outras.

Matheus, nesse sentido, quando perguntado sobre os comentários que recebia após cada publicação, assim fala: “Uma das coisas mais gratificante em escrever fanfic, para mim, é isso, porque você sabe que outras pessoas em diversos lugares estão lendo, e mais, acompanhando e gostando das suas histórias. Eu recebia bem poucos comentários negativos das minhas fanfics ou aqueles que não acrescentavam nada, porque isso também acontece, mas tirando isso, era muito bom,

porque eu escrevia já pensando no que a galera ia achar, e ter esse retorno me dava um *up* para continuação das minhas fanfics”.



Figura 2: Comentários e feedback dos usuários de uma fanfic no site Fanfic Obsession
Fonte: <http://fanficobsession.com.br/ficstape/04imwithyou.html>

É notório que essas sugestões e novas ideias advindas dos *feedbacks* são levadas em consideração no momento da composição dos outros capítulos/partes das histórias ou incorporadas nelas tal como sugeridas. Por exemplo, a narrativa caminha para que um casal se forme, um personagem morra ou para que haja uma tragédia, uma traição, um beijo, porém se esse episódio não agradar tanto os leitores, por meio de comentários, eles sugerem novas peripécias e rumos à fanfic, o autor geralmente acata a sugestão, sobretudo quando parte de diversos leitores.

Edmond Couchot (2002) observa que havendo essa interação entre internautas e uma obra, neste caso a fanfic, esta sofre alterações por conta da intervenção do outro, este outro se torna um coautor da obra, “pois há uma delegação a este de uma parte do processo criativo da obra” (*apud* CARBONI, 2010, p. 86), ligando o autor e o leitor no mesmo projeto. Assim, o leitor que faz algum tipo de sugestão que altere na narrativa em questão acaba também se tornando o autor da fanfic, sobretudo pela ideia contida nela e advinda desse usuário. Os fanfiqueros prezam pelos comentários de outros fãs e reconhecem a importância de tal ideia, sugestão ou crítica na melhoria de suas escritas.

Essa é uma das diferenças notáveis entre um leitor de texto digital e de um texto físico que impõe a ele somente a leitura, como absorvedor das informações, não podendo, portanto, interferir e/ou acrescentar informações, uma vez que o texto já está pronto, acabado, diferente do digital que é sempre maleável. No universo cibernético, “o leitor-navegador passa a ter um papel mais ativo e uma oportunidade diferente da de um leitor de texto impresso. Dificilmente dois leitores de hipertextos farão os mesmos caminhos e tomarão as mesmas decisões”, observa Luiz Antônio Marcuschi (2001, p. 96).

Nesse sentido, o autor supracitado nota a presença de uma autoria coletiva e um espécie de coautoria. Assim destaca:

A leitura se torna simultaneamente uma escritura, já que o autor não controla mais o fluxo da informação. O leitor determina não só a ordem da leitura, mas o conteúdo a ser lido. Embora o leitor usuário do hipertexto (o hipernavegador) não escreva o texto no sentido tradicional do termo, ele determina o formato da versão final de seu texto, que pode ser muito diversa daquela proposta pelo autor (MARCUSCHI, 2001, p. 96).

A fala de Marcuschi alude exatamente a essa prática de um certo poder do leitor sobre a narrativa, nesse universo das fanfics, o leitor muito além de praticar uma simples leitura do texto, também determina o teor ou o próprio conteúdo daquele texto, que, como o autor observa, pode ser totalmente divergente daquilo que o ficwrite, nesse caso, tem em mente, alterando dessa forma, personagem, enredo, cenário e desfechos já previsto pelo autor.

Dando continuidade, a segunda forma dessa colaboração entre os fanfiqueros acontece quando dois ou mais fãs se mobilizam à construção de uma

fanfic, esse tipo de coletividade na escrita é bastante comum nas plataformas online e nas fanfictions acontece de duas formas diferentes. Uma, quando dois ou mais fãs (muito raro ultrapassar quatro fãs) se juntam, discutem e definem ideias, entrando em acordo para a elaboração de uma fanfic, muitas vezes a parceria é tão produtiva que outras fanfics, da mesma forma, são construídas.

Para que ocorra esse tipo de autoria coletiva, um fã recorre a outros se mobilizando para a escrita da fanfiction, esses fãs têm, geralmente, em comum o gosto pela mesma obra e/ou personagens, e é a partir destes que surgirá a fanfic. A partir do convite lançado, o outro fã deve aceitar ou não, caso aceite, logo após, os dois discutem se haverá outros fãs, geralmente são dois ou três ficwriters. Pinheiro (2013, p. 122) observa que “o(s) sujeito(s), portanto, ao se engajar(em) nos processos de interação com o(s) outro(s), se constitui(m) em função de determinadas posições ao trazer(em) consigo sua visão de mundo, suas experiências de vida, seu modo de agir etc.”, observados nesse caso.

Em nossas conversas coletadas, Matheus conta que, na maioria das vezes, aqueles usuários que têm mais destaque sempre são os que recebem mais convites, por inúmeros motivos, seja por já ter um público e já ser, de uma certa forma, conhecido no site, ou por ter facilidade e aptidão em escrever fanfic da/sobre a obra.

“Depois de um tempo, quando eu comecei a ter mais destaque no site, porque eu escrevia muito e também recebia muitos comentários positivos de incentivo, eu comecei então a receber convites, logo no início eu não recebi nenhum, foi só depois desse destaque que eu recebi muitos deles, muita gente querendo parceria para escrever sobre Harry Potter. Só que a minha primeira experiência não foi tão legal assim, porque o outro fã não colaborou tanto e a gente tinha um diferencial de escrita muito diferente e as ideias não bateram também, eu acabei abandonando a fanfic, ele finalizou e publicou como se fosse exclusivamente dele. Foi só depois que passei a ser mais seletivo na escolha de parceiros para escrever, aí as outras deram super certo, eu publiquei com amigos nove fanfics, sendo quatro delas sempre com as mesmas pessoas”, conta Matheus.

A outra forma e a mais comum acontece quando um ficwrite escreve e publica um capítulo de fanfic de tal obra e deixa em aberto para outro dar continuidade na narrativa, compondo o segundo capítulo, logo após, outro fã diferente pode construir o terceiro capítulo, no final, a fanfic é construída por diversos fãs, sendo cada capítulo

ou parte por um deles. Tal fato, concordando com Edmond Couchot (2005), é uma das essências da coletividade no ciberespaço, onde:

Cada um é convidado a participar, de maneira mais ou menos intensa, da elaboração das mensagens, que não têm mais um único autor apenas, mas vários. O autor inicial, que está na origem da proposta, delega então alguns de seus privilégios de autor e múltiplos *autores subsequentes*, que colaboram, conscientemente, com a obra. A obra final é o resultado dessa interação, sem a qual não chegaria a existir (COUCHOT, 2005, p. 520, grifos do autor).

No caso desse tipo de colaboração entre os fanfiqueiros, podemos observar, conforme coloca Davies e Harré (1990, p. 48), que “ao falar e agir de uma posição, as pessoas estão trazendo para a situação particular suas histórias como um ser subjetivo, isto é, a história de alguém que esteve em múltiplas posições e engajado em deferentes formas de discurso”.

O fenômeno da colaboração na web através das fanfics é muito mais realizável e completo quando a obra é construída dessa última forma, melhor ainda quando recebe diversos comentários incentivadores, críticos e sugestivos e no final depende ainda dos *capistas* e dos *betas readrs*.

A partir disso, é possível assegurar que o universo das fanfics traz um novo olhar sobre a ideia de interação e coletividade no seio da cibercultura e ainda sobre a prática da colaboração, tanto a colaboração mútua e comum no ciberespaço, quanto e, sobretudo, a colaboração autoral que, como observável aqui, ocorre quando os fanfiqueiro se mobilizam na criação das diversas narrativas publicadas ou quando há interferência dos diversos usuários numa fanfic publicada.

Este universo fanfiqueiro, aliado às tecnologias e às tendências da cibercultura, propiciam esse “espírito coletivo” em rede, estimulando uma conexão de ideias ao invés de um isolamento, como ocorria antes; fãs que produzem essas narrativas já descobriram que têm muito a ganhar trabalhando em coletividade, como o auxílio em uma ideia não desenvolvida ao precisar e a experiência em trabalhar em equipe, com todos os desafios e aprendizados.

Esse tipo de autoria ganhou forças com o advento da web 2.0 por favorecer essa cultura colaborativa entre os escritores, como já destacado. Jenkins (2009), nesse contraste entre autoria no ambiente físico e no ambiente cibernético, assim ressalta:

A autoria tem uma aura quase sagrada, num mundo onde as oportunidades de circular suas ideias a um público maior são limitadas. À medida que expandimos o acesso à distribuição em massa pela web, nossa compreensão do que significa ser autor – e que tipo de autoridade se deve atribuir a autores – necessariamente muda” (JENKINS, 2009, p. 251-2).

O comportamento descrito por Jenkins (2009), acerca da cultura de convergência, dá ênfase a um outro aspecto em relação à autoria no âmbito do ciberespaço, isto é, os diversos papéis desempenhados pelo fanfiquero, que pode ser, simultaneamente, leitor, autor, coautor, crítico e distribuidor. Quando um autor (ou mais, no caso da autoria coletiva) de fanfic escreve uma e publica na web, automaticamente, está exercendo dois papéis: o de autor e o de distribuidor. Ele não precisa de outras partes para começar e principalmente para publicar sua história, como num livro físico. Assim sendo, se este mesmo autor ler outras fanfics de outros fãs, está exercendo função de leitor, agora se este autor, depois da leitura, ainda faz comentários de crítica, incentivo e/ou elogio, ele se torna um crítico, e se este ainda ajuda outros ficwriters na capa, no enredo/personagens ou revisão de suas fanfics, aí ele exerce papel de coautor.

Marcuschi (2001) argumenta que deve haver uma redefinição quanto ao papel do autor e leitor na escrita eletrônica (hipertexto), para o autor essas escritas ofuscam os limites que até então há entre o é que ser um autor e um leitor, uma vez que o hipertexto é criado a partir dos links dos escritores e das leituras que os leitores decidem seguir. Cada uma dessas funções pode ser realizada por quaisquer desses usuários, sendo frequentemente os cibercibers ambos ao mesmo tempo.

Sobre essas funções, Matheus lembra: “Eu posso dizer que era tudo, todas essas funções eu exercia. Eu era autor porque eu escrevia as histórias, distribuidor porque eu mesmo publicava, crítico por ajudar outros e coautor porque, por um período, eu fui um helper, mesmo sem está listado no site, mas muitas pessoas me procuravam para que eu pudesse ajudá-las na própria escrita mesmo, às vezes elas estavam sem ideia, ou achavam a ideia horrível e eu ajudava bastante esses fãs, claro na minha condição, então eu me identificava como um helper”.

Matheus ainda lembra que, “nesse universo das fanfics, você tem que ser mútuo, se você recebe comentários de um fanfiquero, deverá também comentar na fanfic dele, não por obrigação, mas é como se fosse um retorno, porque eles esperavam isso e se você quiser ter muitos feedbacks é só você também comentar

nas outras fanfics, você pode também responder os comentários que recebe agradecendo”.

Considerações finais

A princípio, aquele autor de fanfics é apenas um mero leitor ou expectador, como aconteceu com Matheus, antes de conhecer o gênero, ele apenas recebia informações, era um agente passivo. A partir do momento em que não apenas passou a receber conteúdo como também criar novas narrativas baseadas nesses conteúdos adquiridos, deixou de ser esse sujeito passivo e tornou-se um sujeito ativo, e encontrou na web um ambiente propício para suas manifestações seja com a escrita de outras narrativas ou com os diversos tipos de colaborações possíveis.

É muito difícil contornar os limites de cada uma dessas funções, seja de leitor, autor ou crítico no ciberespaço, porque ou elas são muito próximas ou simplesmente não existem como no ambiente físico. Dessa forma, admitimos que a autoria nesses espaços se dá de diversas formas e com inúmeras funções, é um autor múltiplo que não apenas carrega informações como também cria outras e divulga-as entre outros fãs.

Essa versatilidade do autor na era digital também é observada por Chartier (1998) a qual, para ele, interrompe uma estabilidade histórica de papéis distintos que agora se mesclam. De acordo com ele:

No século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam claramente separados, com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras (CHARTIER, 1998, p. 16-7).

O autor explica que essas funções sofreram inúmeras modificações, a do livreiro por exemplo, desapareceu com o advento do ciberespaço, porque não faz sentido o trabalho desse profissional na web, já que todas as narrativas são distribuídas automaticamente sem custo algum. Já o papel do crítico foi simultaneamente ampliado e reduzido, ampliado porque todos os usuários podem tornar-se um crítico e reduzido porque não há tantos requisitos para se tornar um. Já o papel de autor, editor e distribuidor evidentemente formam mesclados e o de leitor e autor ficaram muito próximos.

Já Rena (2009) fala de uma redefinição dessas funções que podem agora ser agregadas a de autor, um simples sujeito ao sair de seu estado passivo de receptor de informações e tornar-se um produtor, ele é um autor cibernético com inúmeras funções e comportamentos, uma vez que a internet é um ambiente livre, fluido, sem rigidez, o que se torna acessível a jovens autores que, muitas vezes, estão no contexto da marginalidade.

A *internet*, ao propiciar esse comportamento cooperativo entre seus usuários, sem dúvida favoreceu ao surgimento de colaborações na produção dos textos eletrônicos como as fanfictions, as *wikis*, os blogs e demais plataformas onde dois ou mais usuários, frequentemente, colaboram na escrita de um texto e também ao desempenho de diversas funções a um único cibernauta autor. Tal fenômeno no contexto da cibercultura, de alguma maneira, atinge duas principais questões acerca da autoria.

Observamos que a autoria individual, bastante patenteada no ambiente físico, perde lugar e visibilidade quando se trata de escritas no ciberespaço, uma vez que esse espaço tem como peculiaridade um ambiente moldado pela cooperação, interação e colaborações entre os usuários e conseqüentemente entre os autores. A noção de autor solitário se desmancha, por exemplo, entre as intensas atividades de interações entre os fanfiqueros, seja por meio dos diversos papéis desempenhados pelos autores e/ou pela ajuda na escrita, revisão ou capa da fanfic, pelos *feedbacks* dos outros autores, dos capítulos escritos por ficwriters diferentes ou quando dois ou mais autores se juntam para a produção de uma obra.

Como consequência, verificamos que o ambiente cibernético panteia uma nova face à autoria contemporânea: uma autoria mais flexível, versátil e coletiva. Para Neves (2014, p. 81), um “autor não mais como condição de fechamento, totalização do conteúdo, mas como parte de totalizações diversas, de um coletivo na construção de uma obra infindável, obra processo”.

Referências

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CARBONI, G. **Direito autoral e autoria colaborativa na informação da economia da informação em rede**. São Paulo: Quartier Latin, 2010.

COUCHOT, E. O embarque para Ciber: mitos e realidades da arte em rede. In: LEÃO, L (Org.) **O chip e o caleidoscópio**: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora Senac, 2005.

DAVIES, B; HARRÉ, R. Positioning: The Discursive Production of Selves. **Journal for Theory of Social Behaviour**, v. 20, p. 43-63, 1990.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Pelotas – RS, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

NEVES, A. de J. **Cibercultura e literatura**: identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fãs (fanfictions). Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2014.

PORTANOVA, E. O autor no imaginário da pós-modernidade: repensando Flusser e Foucault. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 46, n. 2, p. 152-155, mai/ago, 2010.

PINHEIRO, P. **Práticas colaborativas de escrita via internet**: repensando a produção textual na escola. Londrina: Eduel, 2013.

RENA, A. **Do autor tradicional ao agenciador cibernético**: do biopoder à biopotência. São Paulo: Annablume, 2009.

VARGAS, M. L. B. **O fenômeno Fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo – RS: Universidade de passo Fundo, 2005.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MASCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Recebido em 11 de março de 2019
Aprovado em 14 de julho de 2019